

## Fogos de umas noites de verão

Londres, agosto de 2011

**Fabiane Borges e Hilan Bensusan**

Nas ruas, sensação de irrealidade e ao mesmo tempo excesso de presença. A fuga. Agora. *Left, left, Ally road, to the Ally road.* Caminha, dispersa, sirene distante. Dá tempo de botar fogo em mais um carro. Desarmados, o fogo é a única saída. O fogo é barulho e espetáculo, assusta e encanta; pequenas multidões em volta das fogueiras de carros. Quebra o vidro, corre, arromba a loja, a TV plasma bem grande. Foda-se! Os ratos e a polícia. Ambos vigiados, os legítimos e os bastardos, os filhos da rainha e os filhos da puta.

A pirotecnia na Inglaterra começou com a morte de Mark Duggan, negro de origem indiana, morto em circunstâncias semelhantes a Jean Charles, o brasileiro morto pela polícia em 2005. Ambos foram baleados em situação de fuga. Mark era um possível participante de uma *gang* chamada “Star Gang”, no norte de Londres, em Tottenham; e ao que tudo indica, seus parceiros saíram às ruas para vingar sua morte, colocando fogo nos carros da polícia, mas o que aconteceu em seguida foi a insurgência de muitos outros grupos, por muitos outros lugares do país.

### **Cuidado: inflamável**

Distúrbios espalhados pelas ruas de um país não são feitos somente de vingança específica em relação a uma situação, ou só de racismo, ou pauperização compulsória, ou ainda perda de direitos e policiamento arbitrário, mas também da inflamabilidade das pessoas. Palha seca alastra o fogo! Nas revoltas que se espalharam a partir de Tottenham, no início de agosto, cada insubordinação era combustível para a seguinte. Por alguns dias, parecia que a coisa se alastraria por todas as ruas do país até tornar a Downing Street (rua dos altos nomes do governo britânico) irrelevante.

### **Moda: hoodies e burqas**

As câmeras de vigilância captam *hoodies* que, quase como *burqas*, viram uniformes que apagam os traços reconhecíveis e *niqabs*, que protegem as identidades faciais. A influência estética nos *rioters* mistura *hiphop*, *blackblock* e *gangster culture*. É em frente a essas câmeras que os bandos de moços enca-

puzados e moças de minissaia, também, encapuzadas fazem suas ações diretas com estopins, isqueiros e latas de lixo. São capazes de arrombar, queimar e ocupar as ruas, mesmo que por um instante. Os capuzes viram um uniforme improvisado, mas garantem um espaço privado. A privacidade dos *hoodies* – ou da *burqa*, já que isso também marca a onda de chauvinismos que varre a Europa – contra a privacidade das contas bancárias, das lojas vigiadas pela polícia, das câmeras de segurança a serviço dos fluxos de capital. Para nós, transeuntes na madrugada, entre Graham Road e Clapton Square, era uma revolução: o assalto dos capuzes pretos parecia um turbilhão e, ainda que rarefeito, indomável.

### **Estado Revolucionário**

Desde que chegamos a Londres, em novembro de 2010, presenciamos inúmeras manifestações nas ruas; as pessoas estavam em estado de revolta, e diziam que desde os anos 2002/3, quando das manifestações contra a adesão do governo britânico à guerra contra o Iraque, não viam tanta mobilização. Durante praticamente todas essas passeatas houve manifestações violentas, e desde então, já se falava da presença explosiva de jovens negros da periferia que, como muitos estudantes, colocaram fogo em carros, ocuparam prédios, resistiram à polícia e mostraram seu repúdio às novas leis. Alguns amigos ativistas comentavam curiosos sobre a presença dessa juventude secundarista, festiva e aguerrida nas passeatas, mas não sabiam muito bem identificar qual era seu papel dentro do movimento. Muitos desses jovens estavam nas manifestações ocasionadas pela morte de Mark Duggan. Certamente a influência revolucionária vem não só das manifestações organizadas contra os cortes e as ações diretas dos ativistas como também das insurgências da Tunísia, Egito, Síria, Líbia etc. A revolução é um estado, como diz a ativista egípcia *Sanaa Seif (17 anos)*<sup>1</sup>. Nervo solto, às vezes não se pode ter a paciência dos ativistas profissionais, e não se quer perder tempo com reuniões incessantes – quer-se pirofagia, e manifestação ontológica da resistência ao controle. A articulação é espontânea, não existe projeto (aparentemente) e nem líder político. São *gangs* revoltadas. Ou estado de gang: agrupamento e proteção. Elas se organizam em regime de rede, por meio de celular e *bluetooth*. A liderança é difusa – há uma presença importante de meninas. Mas estão sendo pegos como ratos, e como bodes expiatórios. Basta terem sido capturados pelas câmeras de vigilância, ou serem vistos observando as ações, e já podem ser incriminados – uma forma de manter as pessoas em casa, medo de serem acusadas e condenadas culpadas.

### **Nós não temos dinheiro**

O fogo é indiscriminado, inflamável, e os ataques destinados ao que era possível e não ao lugar simbólico por excelência. Acender a cidade, em pro-

<sup>1</sup> Vídeos sobre a revolução egípcia, vista do ponto de vista feminista, encontram-se disponíveis em: <<http://www.mariallopi.com/2011/08/12/carta-desde-el-cairo/>>

testo. Fazer queimar o que podem. “Nós queremos mostrar aos ricos que nós fazemos o que queremos” – diz uma *riot girrrrrrl*. E diziam assim: nós não temos dinheiro. E as pessoas criticam isso, por não ser razão suficiente para saque. Mas isso é a melhor razão possível, porque, exatamente, eles não têm dinheiro? Eles apontam justamente para o problema: PARA ELES, NÃO TEM DINHEIRO!!

Os insurgidos – *indignados*, mas não do tipo dos que acampam, e sim dos que fazem a ação direta – eram o Outro da classe média adulta e responsável: moleques, imigrantes, negros e pobres. Muitos deles se enquadravam no que, nos últimos anos, cada vez mais, se chama de *chav*. A palavra é, ela mesma, uma lata de lixo, onde cabem muitas coisas. Muitos dizem que ela está associada aos últimos inquilinos das *council houses*, casas alugadas pelo governo, construídas, na sua maioria, entre os anos 30 e 70. Dizem que *chav* é um acrônimo para *Council House and Violent*. Mas os etimólogos dizem que a palavra, dicionarizada recentemente, vem do termo cigano *Chavi*, utilizado para menino ou pirralho. A palavra é derogatória, e designa juventude transviada, pobre e que não se veste, não fala e não se enquadra nas imagens de classe média. Muitas vezes, *chav* é usado, também, para os adultos, que se vestem fora do gosto padrão e que são dejetos da cultura média. *Chav* é o imigrante, mas cada vez mais é, também, o branco que não venceu na vida, o *looser*, o *white trash*, como se diz nos Estados Unidos. É o lixo, aqueles que não se enquadraram no esquema de vida da classe média que aspira a um bom emprego, a casa própria e a uma família funcional. Owen Jones, em um livro recente (*Chavs – the Demonisation of the Working Class*, Verso, 2011) aponta para a crescente popularização do termo como uma manifestação de classismo direcionada ao que sobrou da classe operária. Classismo e xenofobia imbrincados em uma palavra. Os *rioters* de agosto – se bem que menos brancos do que o estereótipo corrente de um *chav* – provém da mesma lata de lixo.

## O ambiente Breivic

O estado de fúria despertou os medos mais persistentes e mais acalentados da classe média local. Os saqueadores insuflados enfrentam com violência o controle da polícia britânica. As pessoas morrem de medo, tem insônia, pensam que as *gangs* de negros, de *chavs* e de muçulmanos vão destruir suas casas e suas vidas. Olham a BBC e tremem no escuro. Não saem as ruas à noite, e ficam vidradas na TV e na net. Tem medo de que os negros tomem o poder; pensam que são todos mulçumanos, terroristas; confundem fatos históricos, revoluções geopolíticas. Há um medo geral de que os imigrantes se revoltam – isso é parte do imaginário dos que se orgulham de suas origens britânicas. Há um ambiente de guerra de civilizações em que os valores brancos são colocados em questão por um pobrerio feio, malvestido, inconveniente e *chav*. E então a polícia pode dizer que são todos bandidos,

ou filhos de famílias de bandidos, famílias disfuncionais de pobres, porque criminosos, pessoas que estão não apenas quebradas, mas também doentes, como diagnosticou o primeiro ministro. E a maior parte da imprensa pode dizer que se trata de um estado de coisas promovido pela falência dos valores tradicionais de família, meritocracia, respeito à propriedade e à ordem (como faz a colunista Melanie Phillips no *Daily Mail*). Há uma ressonância no manifesto de Breivic (o norueguês que saiu matando jovens em um acampamento, em julho de 2011) do discurso das instituições de proteção à cultura e aos hábitos ingleses (como a EDL, English Defense League), instituições que crescem em atenção e presença na agenda das discussões sobre imigração.

### **Onda gigantesca de crimes comuns?**

Semanas depois dos distúrbios, a batalha é acerca do caráter político dos eventos. O governo e a polícia tendem a considerar que se tratava de criminalidade, de crimes comuns, motivados pela falência moral da sociedade alimentada de benefícios e de concessões a famílias disfuncionais. Não se trata de reação à violência policial e à pauperização crescente das periferias, diz o governo, mas apenas a consequência de uma permissividade generalizada que foi instituída por anos de políticas concessivas e tolerantes para com os preguiçosos, com as mães adolescentes e com os imigrantes criminosos. A resposta, para eles, é mais endurecimento: menos bem-estar social, mais rigor com a imigração. Cameron anuncia que a culpa pela onda gigantesca e sem precedência de crimes comuns é da brandura na aplicação das leis, que assegurariam a ordem pública. Mas o que são crimes comuns? São como os crimes que ecoam *Paz. Justiça. Liberdade.* a partir da cela de Rogério Lemgruber do Comando Vermelho, na Ilha Grande?

### **Blame the Tories?**

Por outro lado, as manifestações de protesto à reação da mídia e do governo aos *rioters* incriminados (como a marcha da qual participamos, em 13 de agosto, de Dalston/Hackney a Tottenham <<http://esquizotrans.wordpress.com/2011/08/13/hackney-last-days-082011/>>) procuram politizar os saques. Um dos *slogans*: “culpem os Tories (o partido Conservador de Cameron) e não os nossos filhos”. Outro: “culpem os bancos e não os nossos filhos”. A ideia é culpar o governo, os cortes, o cinturão de proteção aos banqueiros, o racismo da polícia. Se houvesse três vezes mais pessoas nas ruas, seria impossível apresentar tudo como “uma onda de crimes em proporções gigantescas”. A dureza da reação da polícia – com o parlamento permitindo uma gradativa militarização da polícia britânica – mostra a força da insurreição. Porém, esta voz é cada vez menos ouvida, agora, nos meios de comunicação, que dão, todos os dias, espaço para o vocabulário do crime organizado, das prisões e das punições; falam de *riot thugs* (arruaceiros), de criminosos e de *looters* (saqueadores).

## Os riots que vêm

As marchas mesmo não causam maior transtorno, a polícia as acompanha de perto, passo a passo. A eficácia, como protesto, de marchas como essas é limitada, já que elas não podem atacar a estrutura de tomada de decisões e são facilmente apropriadas pelo bipartidarismo compulsório no país.

Temos a impressão, dado o triunfo do governo nesses dias que se seguem aos distúrbios e a decepção de muitos ativistas, de que o governo e a ordem terminaram fazendo ponto. O governo conseguiu reunir apoio para suas medidas de segurança e ordem, e estende este apoio aos cortes nos benefícios – já que o pobrerio é todo delinquente mesmo... Mas as consequências das suas políticas ainda serão sentidas em muitas partes do país, e mais tumultos, eles sabem, virão.

\* Esquizotrans: <<http://esquizotrans.wordpress.com>>

\* Fabiane Borges é psicóloga, ensaísta, gosta de *performance* e é autora de *Domínios do Demasiado* e *Breviário de Pornografia Esquizotrans*. Produz eventos imersivos de caráter político e festivo, e é doutoranda no Núcleo de Estudos da Subjetividade.

\*Hilan Bensusan escreveu *Breviário de Pornografia Esquizotrans e Excessos e Exceções*. Ensina metafísica e anarquologia na Universidade de Brasília.